



UMA ANÁLISE CINEMATOGRAFICA DE BERNARDO BERTOLUCCI SOB O PRISMA EDUCACIONAL

**Orientador: Ademir Luiz da
Silva¹(PQ), Filipe I. Fontes.² (IC)*
filipeinacio.f@gmail.com**

Universidade Estadual de
Goiás Campus de Ciências Sócio-econômicas
e Humanas

Resumo: Se faz oportuno através destes escritos fomentar uma profícua análise acerca da importância dos recursos audiovisuais, aqui em específico, o cinematográfico, enquanto catalisador de suma importância ao contexto educacional, denotando o quão factível e benéfica pode ser essa simbiose de recursos, que coaduna numa otimização da inteligibilidade historiográfica, haja vista que fatos históricos ocorridos ao longo das décadas, são passíveis de serem retratados através de filmes, séries, documentários, dentre outros, criando-se, desse modo, a possibilidade de que a famigerada teoria possa se transubstanciar numa narrativa imagética, se exprimindo através das imagens, ora tão auspiciosas, ora nem tanto. Nessas vicissitudes, compreender-se-á que os recursos audiovisuais podem ser um amálgama da historiografia, potencializando o escopo da compreensão de aspectos antológicos ocorridos ao longo do tempo, sendo isso, primordial para a elucubração de novas ideias, pensamentos e linhas de interpretação, oriundas dessa complacência tão benéfica, o que acaba por explicitar o quanto a história é viva, orgânica e ainda pulsa, mesmo apesar do irrefreável passar dos dias.

Palavras-chave: Audiovisual. Historiografia. Narrativa. Filmes. Imagens. Educação.

Introdução

A partir dos elementos fílmicos perpetrados pelo cinema de Bertolucci, pode-se perceber o quanto as perspectivas cinematográficas se imbuem da historiografia vigente, cooptando fatos e marcos históricos no intuito de embasar as narrativas de seus filmes. Tal recurso, pode ser percebido enquanto uma oportuna simbiose, entre pressupostos teóricos e imagéticos, já que através das imagens, os espectadores podem ter a possibilidade de perceber o que é retratado na teoria de forma mais pragmática e interativa. Nesse ínterim, Bertolucci, em seu filme “Os sonhadores”, lançado no terceiro ano desse milênio, consegue expor eficazmente esse paralelo supracitado, ao retratar o *frisson* das transformações sócio-políticas no mundo como um todo na década de 60, bem como especificamente a efervescência dos movimentos ocorridos na França durante esse contexto, principalmente, o antológico período do “Maio de 68”, eixo central da trama dirigida pelo cineasta



italiano. Nesses horizontes, pode-se compreender que o filme citado acima, se enquadra na condição de filme de professor, pois utilizar-se-á de um pano de fundo histórico para ilustrar um acontecimento, como a organização dos movimentos estudantis, por exemplo.

Não obstante à toda preocupação com a verossimilhança da narrativa retratada pela obra, pode-se perceber uma inexorável importância das inúmeras referências utilizadas ao longo do filme, pelo próprio cineasta, criando uma espécie de intertextualidade¹ com tantos outros filmes, os quais, são utilizados para estruturar e solidificar o enredo que está sendo retratado. Além desses fatores, depreende-se também que ao coadunar os elementos audiovisuais e educacionais se tem uma maior rentabilidade na compreensão de determinado fato histórico, abordado em alguma narrativa cinematográfica, sendo um instrumento de ensino imprescindível, que pode ser utilizado com o escopo de estabelecer um entendimento mais abrangente do que se quer demonstrar.

A evolução e o posterior desenvolvimento do objetivo geral do projeto proposto foram estabelecidos através de leituras essenciais que coadunam os fatos narrados na produção cinematográfica em seus escritos, tornando assim, mais aprazível o entendimento e a possibilidade de se esmiuçar os assuntos debatidos. As leituras de livros indispensáveis para se conhecer mais sobre o movimento estudantil de maio de 1968 se deram através de livros como “O grande Bazar” (1988) do francês Conh Bendit, como também o livro do brasileiro Fernando Gabeira “Nós que amávamos tanto a Revolução” (1985). Mister se faz pontuar que o primeiro livro foi escrito por um líder dos movimentos estudantis que eclodiram em Paris, em maio de 1968, sendo este, atualmente, um político europeu, exercendo seu cargo de deputado por um partido ecologista no parlamento. Ao longo desse livro, o autor recordar-se-á do cotidiano daquele contexto da revolta estudantil, onde participava ativamente, exigindo melhorias no sistema educacional e novos modelos de se conceber a educação francesa. Já o segundo livro citado se constitui de diálogos entre Bendit e o brasileiro Gabeira, representante do maio de 68 no Brasil. Nesse livro, fica evidente a

¹ Aqui a intertextualidade diz respeito às inúmeras referências cinematográficas utilizadas ao longo da narrativa de Bertolucci, com os filmes: “Bande à Part”, “Shock Corridor”, “Pierrot le Fou”, “Les Quatre Cents Coups”, “Persona”, “La chinoise”, “Blonde Venus”, “Freaks”, “Queen Christina”, “Top Hat”, “À Bout de Souffle”, “Sunset Blvd”, “Mouchette”, “City Lights”, “The Cameraman”, “Rebel Without a Cause”, “Scarface”, “Der Blaue Engel”, “The Girl Can’t Help It”, “Jules et Jim, Jules et Jim”.



semelhança entre esses dois personagens, o modo como ambos respiram política e assuntos de interesse coletivo à sociedade. Houve também a leitura de outros livros como “A rebelião das massas” (1962) de Ortega y Gasset, onde o autor irá abordar alguns conceitos importantes como o fenômeno do homem-massa e outros aspectos do Estado, nos seus escritos defenderá que através da política é possível distinguir as mentes mais lúcidas das mais rotineiras. O livro “O espectador engajado” (1982) de Aron também foi lido, nessa obra, o teórico perpassa as tormentas que assolaram os franceses, faz um retrato fidedigno e completo da política francesa e do *modus operandi* daquela sociedade, o foco se dá na parte em que se é abordado os aspectos do movimento do maio de 68 e a experiência de Aron enquanto professor da Sorbonne.

No que tange à minha interpretação do filme e o modo como apresentei esta, pude ressaltar os aspectos que mais me chamaram atenção ao longo do filme e todos os *insights* que tive ao ler a bibliografia e rever várias vezes algumas cenas ‘chave’ da narrativa cinematográfica. “Os sonhadores” é um filme que fala sobre a juventude, sobre os dilemas e idiossincrasias inerentes à burguesia, mas também diz respeito às sociedades, às nações, onde os próprios personagens personificam seus respectivos países, como também carregam as suas aspirações. Todas essas nuances e interpretações evidenciam o quão o cinema possibilita essa abstração de ideias, de pensamentos e possibilidades, fazendo com que possamos rever o nosso modo de assistirmos e percebermos o audiovisual, haja vista, as diversas possibilidades que o mesmo perpetra.

Maio de 68, esta maravilhosa surpresa, foi a emergência de toda essa força contida. O poder do movimento já estava lá antes mesmo que começasse. A força do movimento 22 de Março foi sua organização antiinstitucional. Acabar com todas as estruturas repressivas – a universidade, os grupos, -, Maio de 68 foi a libertação das amarras. Não foi algo instantâneo, foi todo um processo. Sem dúvida alguma existia essa força contida que ajudou a estruturar o movimento. (COHN-BENDIT, 1988. p. 110)

Neste aspecto, ao coadunar os elementos audiovisuais e educacionais se tem uma maior rentabilidade na compreensão de determinado fato histórico, abordado em alguma narrativa cinematográfica, sendo um instrumento de ensino imprescindível, que pode ser utilizado a fim de estabelecer um entendimento mais abrangente do que se quer demonstrar, o filme “Os sonhadores” é um *Filme de Professor*, pois utiliza um pano de fundo histórico para ilustrar o Maio de 68., no caso, o movimento estudantil de Maio de 68. Bertolucci se mostra como um exímio



apreciador de filmes.

Material e Métodos

Almejamos tornar viável as análises e divagações acerca do objeto de estudo em questão, o filme “Os Sonhadores”, baseando-se nas mais variadas referências bibliográficas e nas reuniões que ocorreram desde o início da fundamentação desse então projeto de pesquisa, ocorridas no LUPPA, Laboratório Universitário de Pesquisa e Produção Audiovisual, com o pesquisador presente em todos esses encontros, onde foram exibidos os filmes analisados.

Resultados e Discussão

Ao engendrar essa pesquisa, pautando-se da premissa audiovisual e o modo como essa pode ser utilizada afim de atribuir uma maior inteligibilidade ao processo de ensino-aprendizagem, pode-se estabelecer a importância da utilização de ferramentas que fomentem e ampliem a percepção dos alunos acerca de acontecimentos e marcos históricos, que não devem ser esquecidos no cemitério da História, mas sim, rememorados e vivenciados ainda que no aspecto fílmico, como faz Bertolucci.

Considerações Finais

Como derradeiras considerações, cabe ressaltar, a importância e eloquência ao utilizar-se de tantos outros elementos a fim de tornar o processo de ensino e aprendizagem deveras mais inteligível, aqui no caso, os elementos cinematográficos desembocam numa maior otimização da compreensão das narrativas históricas, através de filmes que retratam esses períodos, fomentando um infindável espectro de possibilidades aos espectadores que são confrontados com as imagens e todos os outros recursos audiovisuais, narrando minuciosamente, de forma imagética, tudo aquilo que já se concebera através da prática teórica. Sendo assim, tanto Bertolucci, quanto outros milhares de cineastas, ao gestarem seus enredos fílmicos, se apropriando de marcos históricos, a fim de situar tais narrativas no tempo, engendram uma possibilidade de se reviver através dos recursos imagéticos e sonoros tais períodos, o que torna factível a admissibilidade ou não, de centenas de interpretações acerca de todos os acontecimentos antológicos que ocorreram ao longo do tempo. Nessas vicissitudes, especificamente no filme “Os sonhadores”, objeto de pesquisa desse trabalho, pode-se perceber toda a configuração político-



social, a qual, a capital francesa se encontrava naquele contexto histórico, que ficou conhecido como “Maio de 68”, logo, o filme se consagra enquanto uma ode à toda a efervescência e miscelânea de ideais, comportamentos, posicionamentos e mais do que isso, todo o *modus operandi* social daquela cidade, e as reverberações impactantes com os acontecimentos no restante do mundo, nesse mesmo período.

Portanto, o papel da educação se faz exatamente na sua capacidade de transcender seus aspectos teóricos, os quais são de suma importância, e utilizar-se de outros elementos que atribuem vida, movimento e dinamicidade a todos os marcos históricos, que ao contrário do que se pensa, não são fatos obsoletos, prontos e acabados, engessados e estagnados, mas sim um arauto de organicismos vivos e pulsantes, que ainda dizem muito de nós mesmos, como algo que aconteceu, mas ainda não passou, foi e continua sendo. E talvez, fundamentalmente, o tema desse artigo seja uma ode as dores e delícias de um dos rios mais lindos: o tempo.

Agradecimentos

Ao tão cordial professor orientador Ademir Luiz da Silva, pelo apoio e confiança, por possibilitar e tornar viável esse trabalho, tão agradável e oportuno, através do qual, pude aprimorar meu conhecimento e descobrir tantos outros infundáveis espectros de possibilidades, espero me aprofundar ainda mais nesse assunto, tão válido, vasto e relevante. Também agradeço aos meus colegas de pesquisa, que foram meus companheiros nessa viagem tão auspiciosa pelo mundo da sétima arte e da História.

Referências

- ARON, R. **O espectador engajado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BORDWELL, David e THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: Uma introdução**. Campinas/São Paulo: Editora Unicamp/Edusp, 2013.
- COHN-BENDIT, D. **O Grande bazar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- de Janeiro: Editora Rocco, 1985.
- GABEIRA, F. **Nós que amávamos tanto a revolução: diálogo Gabeira – Cohn Bendit**. Rio
- ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.